

E na abertura política de 1990 calhou que ele estivesse de licença registada porque lhe ocorrera pedir financiamento a fundo perdido para instalar uma fábrica de pasta de dentes, pelo que não teve necessidade de tomar posição por nenhum dos lados. A quem o quis ouvir ele proclamou que tinha amigos em ambos os partidos que disputavam as eleições, de modo que cada um votasse conforme lhe aprouvesse, embora à socapa tivesse aconselhado os amigos e familiares a votar PAICV, sem dúvida o partido que dava mais garantias. Porém, na noite das eleições e depois de iniciada a contagem dos votos, que logo deram uma clara vantagem ao MpD, apressou-se a deslocar-se à sede deste partido onde deu um forte abraço de parabéns a cada um dos membros da comissão política presentes. No dia seguinte remeteu um telegrama de congratulações ao presidente do partido, desta vez à sua custa, disse quanto tinha estimado essa vitória que punha termo a um dos mais iníquos períodos da nossa História recente e concluiu que se encontrava à disposição do novo poder para o que fosse preciso, sempre tinha sido partidário do liberalismo e da iniciativa privada. Em boa hora o fez. Porque houve alguma dificuldade de gente para se formar o governo e o novo poder teve que ir aos telegramas recebidos a ver se encontrava alguma coisa que prestasse. E foi assim que o meu primo foi chamado para exercer as funções de secretário de Estado das Águas Territoriais. Tu és um caso curioso de adaptação social e política, costume dizer-lhe, nasceste em São Vicente de Cabo Verde, tens nacionalidade portuguesa, és amante do bom champanhe francês e soubeste não só atravessar

incólume como até beneficiar dos dois antagonicos registados políticos que vigoraram no país. Ele ri-se: Se aqueles que foram PAIGC/CV de alma e coração em 74-75 e estão agora no poder com outro nome se acham no direito de gritar a extirpação desse partido de Cabo Verde, por que não eu, que apenas disse uma ou outra asneirinha na embalagem da revolução? Aprendi a ser cosmopolita, meu primo tolo, o que está na moda agora é a globalização, a internacionalização de capitais e de indivíduos, o mundo é uma pátria colectiva e o MpD está a tratar da integração dinâmica de Cabo Verde na economia mundial globalizada, compreendes que dentro desse contexto ideias como nacionalidade, pertença a alguma coisa particular e outras do género perdem sentido. Mas de qualquer maneira, remata, não tenho só a nacionalidade portuguesa, tenho dupla nacionalidade, que é coisa bem diferente. Duplas, só *whiskies*, digo-lhe, nessas coisas não pode haver duplicidade, a nacionalidade é uma das principais maneiras de um homem revelar a sua identidade, acredito que não seja por acaso que nascemos num lugar e não noutra. Ele continua a rir-se de mim, diz que sou maluco, que neste momento mais de 95% dos cabo-verdianos daria o cu e cinco tostões para ter a nacionalidade portuguesa e a coisa é tão flagrante que a grande maioria dos nossos governantes se afirma orgulhosamente português.

É quando penso em gente assim, com esse sentido de oportunidade e essa lucidez de não pôr todos os ovos no mesmo saco, que a minha admiração pela Susana fica quase ilimitada. Filha de uma cabo-verdiana e de um

italiano, nascida e criada em Lisboa no ambiente da pequena burguesia de prestação de serviços, quando me disse que aceitava sem reservas a minha proposta de irmos viver e trabalhar em Cabo Verde, eu mesmo não sabia a extensão desse «sem reservas». Só comecei a compreender o que isso significava para ela quando lhe entreguei uma enorme lista de artigos que considerava essenciais ela trazer. Ela leu até ao fim e depois rasgou o papel em pedacinhos pequeninos e atirou-os ao caixote do lixo. Antes de nós já há gente a viver em Cabo Verde, disse, vamos ter que aprender a viver como eles vivem, não podemos é tentar transferir Lisboa para lá porque assim nunca teremos paz.

Foi a primeira lição, dada diante de Dona Pura ainda em estado de choque desde o dia em que tínhamos entrado juntos em casa e lhe tínhamos participado que íamos viver em Cabo Verde. A coitada nem tinha percebido no imediato o que a gente estava a dizer, e quando finalmente atingiu a extensão das minhas palavras a primeira coisa que disse foi que eu a tinha enganado, tinha-lhe prometido não fazer mal à filha e afinal... Afinal eu amo a sua filha, disse-lhe com todo o carinho de que fui capaz, não tenho qualquer dúvida de que teria preferido a mãe se ela fosse cinco anos mais nova, de modo que transferi para a filha o meu amor por ela.

Dona Pura ficou a olhar para nós e deve ter visto o quanto éramos felizes e, sobretudo ante a perspectiva daquela comum aventura, para mim de redescobrir, para a Susana de adoptar como sua a terra que a mãe abandonara havia dezenas de anos, a única coisa que lhe ocor-

reu foi dizer com uma espécie de coquete sorriso, vou então aquecer o restinho daquele f'junzim pedra que ficou do almoço, está muito bom e se calhar vocês estão com fome.

Não deixei de sorrir desse expediente. Decerto Dona Pura não acreditaria se lhe dissesse que essa decisão era ainda consequência daquela manhã de há três anos atrás quando me batera à porta do quarto a perguntar se tinha o rádio ligado, estava a passar-se qualquer coisa, disse curiosa, porque apenas uma emissora estava no ar e a tocar só música de tropa, marchas militares, e havia um bocado tinham pedido para as pessoas não saírem à rua.

Desde as seis da manhã que eu já estava acordado e também muito mal-humorado ante a perspectiva de palmilhar Campo d'Ourique-Cidade Universitária (ida e volta) e a pensar como fazer para me vingar da partida que o meu primo me tinha pregado deixando-me liso e endividado, de modo que a princípio tinha recebido mal a Dona Pura: Não, não tinha, respondi da cama, não estava com disposição para aturar os chatos dos locutores a dizer as mesmas parvoíces de sempre. Acordou hoje de polpa descoberta ou quê, perguntou ela entreabrindo a porta e mostrando-me um sorriso cândido, não encontrou ontem o seu primo? Depois de você sair a Azeitoinha chamou, eu disse-lhe que tinha ido ter com o seu primo, esteve com ele? Respondi evasivo que sim, que tínhamos estado juntos um bocado. Claro que não ia dizer-lhe que estava furioso porque ele me tinha depeñado. Dona Purificação tinha-o em muito boa conta e

passava o tempo a lamentar que a Ana Rita preferisse o trabalho aos prazeres domésticos. O seu primo, dizia-me, desde o primeiro ano da faculdade que conheceu a Ana Rita numa festa e nunca mais quis saber de outra moça. Continua à espera dela, diz que ou se casa com ela ou com mais ninguém.

Eu sabia que tudo isso era mentira, além das três Anas avençadas havia ainda a alentejana Ana Maria por causa de quem ele estava quase convertido ao MRPP, mas não podia trair o rapaz, eu mesmo ficaria mal enquanto seu familiar. Falei-lhe da rádio porque está a passar-se qualquer coisa, continuou Dona Pura, estão a dar só música de tropa, mas há bocado falaram sobre forças armadas e movimento militar. Acho que está a acontecer alguma coisa importante, de modo que vou preparar um cafezinho, você devia aproveitar, pode ser que assim melhore a disposição, de qualquer das maneiras não pode sair à rua.

Abri o aparelho de rádio que tinha no quarto e fiquei à espera, sentindo crescer em mim a ansiedade. Depois da falhada tentativa de 16 de Março, de que por merecimento eu e a Azeitoninha tínhamos vivido um emocionante pedaço sentados num dos bancos do Campo Grande, não pareciam muitas as possibilidades de derrube do fascismo pela força, tanto mais que, fracassada aquela investida, certamente que o poder teria reforçado a vigilância e as acções no sentido de manter as forças armadas debaixo do domínio político. E como se tivesse adivinhado os meus pensamentos o Sr. Firmino saiu naquele momento do seu quarto, ainda em pijama, e veio

postar-se junto da porta do meu, debitando sentenças. Já ouviu o que está a passar-se?, perguntou. Eu ainda só tinha ouvido música, marchas de uma marcialidade que não permitia conjecturar a cor política do que pudesse estar a acontecer. Mas o Sr. Firmino tinha opiniões. Seria que essa gente era toda maluca, perguntava, não viam que era pura loucura tentar derrubar um regime como aquele que o grande Oliveira Salazar tinha instituído em todo o Portugal e províncias ultramarinas? Nós os novos não conhecíamos nada, mas ele era ainda do tempo em que no fim do mês o funcionário público ia para casa a benzer a boca porque não havia dinheiro para pagar. Salazar tinha tomado conta da coisa, primeiro como ministro das Finanças e depois como chefe do Governo, e em poucos meses tinha resolvido tudo, grande cabeça que ele era. E não se podia ignorar que ele tinha provocado grandes melhorias na vida das pessoas, por exemplo, aquela ideia de acabar com as greves tinha sido de mestre, antigamente por dá cá aquela palha o pessoal entrava em greve, mas Salazar tinha ensinado e bem que capital e trabalho são irmãos, não há um sem o outro, tinha acabado por levar a paz a todo o país, se não fossem as teimosias de gente como Amílcar Cabral e Agostinho Neto e outros, Portugal seria ainda um país pacífico. Aliás, e vendo bem, todos eles não passavam afinal das contas de uns bons ingratos, porque até estudar tinham estudado à custa de Portugal, com bolsa criada por Salazar...

Aquela conversa do Sr. Firmino estava a irritar-me sem me deixar concentrar. Estava ainda fresca na cabe-